

H.G. WELLS

FICÇÃO CURTA COMPLETA

VOLUME I

Tradução do inglês (Inglaterra)
Sofia Castro Rodrigues



Índice

A Máquina do Tempo	9
<i>Capítulo I. O Inventor.</i>	13
<i>Capítulo II. O Viajante no Tempo Regressa</i>	23
<i>Capítulo III. Começa a História</i>	29
<i>Capítulo IV. A Idade de Ouro</i>	35
<i>Capítulo V. Pôr-do-sol</i>	41
<i>Capítulo VI. A Máquina Está Desaparecida.</i>	49
<i>Capítulo VII. O Animal Estranho</i>	55
<i>Capítulo VIII. Os Morlocks</i>	67
<i>Capítulo IX. Quando a Noite Veio</i>	73
<i>Capítulo X. O Palácio de Porcelana Verde</i>	81
<i>Capítulo XI. Na Escuridão da Floresta</i>	89
<i>Capítulo XII. A Armadilha da Esfinge Branca</i>	97
<i>Capítulo XIII. A Visão Seguinte</i>	101
<i>Capítulo XIV. Depois da História do Viajante no Tempo</i>	109
O Bacilo Roubado e Outros Incidentes	113
<i>O Bacilo Roubado</i>	117
<i>A Floração da Estranha Orquídea</i>	125
<i>No Observatório de Avu.</i>	135
<i>Os Triunfos de um Taxidermista.</i>	143
<i>Um Negócio de Avestruzes</i>	149
<i>Através de uma Janela</i>	155
<i>A Tentação de Harringay</i>	165

H.G. WELLS

<i>O Homem Voador</i>	171
<i>O Fabricante de Diamantes</i>	179
<i>A Ilha de Epiórnis</i>	187
<i>O Caso Notável dos Olhos de Davidson</i>	199
<i>O Senhor dos Dínamos</i>	211
<i>O Assalto do Parque Hammerpond</i>	221
<i>Uma Traça – Genus Novo</i>	229
<i>O Tesouro na Floresta</i>	241
A História de Plattner e Outras Histórias	251
<i>A História de Plattner</i>	253
<i>Os Argonautas do Ar</i>	273
<i>A História do Falecido Sr. Elvesham</i>	287
<i>No Abismo</i>	305
<i>A Maçã</i>	323
<i>Sob o Bisturi</i>	333
<i>Os Invasores Marinhos</i>	349
<i>Pollock e o Homem Poro</i>	361
<i>O Quarto Vermelho</i>	379
<i>O Cone</i>	389
<i>Os Píleos Roxos</i>	401
<i>A Rejeição de Jane</i>	415
<i>Na Veia Moderna</i>	423
<i>Uma Catástrofe</i>	435
<i>A Herança Perdida</i>	445
<i>A Triste História de um Crítico Teatral</i>	453
<i>Um Deslize ao Microscópio</i>	463

A MÁQUINA DO TEMPO
UMA INVENÇÃO



CAPÍTULO I

O Inventor

O homem que construiu a Máquina do Tempo – homem a quem chamarei Viajante no Tempo – era bem conhecido nos círculos científicos havia já uns anos e o facto de ter desaparecido é também bem conhecido. Era um matemático de especial subtileza e um dos nossos mais notáveis investigadores em física molecular. Não se confinava à ciência abstracta. Várias patentes engenhosas, e uma ou duas rentáveis, eram dele: e estas últimas eram muito rentáveis, como testemunhava a sua bela casa em Richmond. Para os que eram seus íntimos, porém, as suas investigações científicas nada eram quando comparadas com o seu dom da palavra. Ao serão, era um conversador vivo e diversificado, e por vezes as suas ideias fantásticas, amiúde paradoxais, eram tão densas e fechadas que pareciam constituir um discurso contínuo. Nessas alturas, ele não podia estar mais longe do conceito popular de investigador científico. As suas faces coravam, os olhos iluminavam-se-lhe; e quanto mais estranhas as ideias que brotavam e se multiplicavam no seu cérebro, mais alegre e animada a sua exposição.

Até ao último momento, realizava-se em casa dele uma espécie de reunião informal, à qual eu tinha o privilégio de ir, e na qual, uma vez por outra, encontrei a maior parte dos nossos distintos homens das letras e das ciências. Às sete, havia um jantar simples. Depois, reuníamos-nos numa sala com poltronas e mesinhas onde, com libações de álcool e cachimbos fedorentos, invocávamos o deus. A princípio, a conversa era apenas fragmentária, com algumas *lacunae* de silêncio digestivo, mas por volta das nove ou nove meia, se o deus nos fosse favorável, um qualquer





H. G. WELLS

tópico em especial triunfava por uma espécie de selecção natural, tornando-se assunto de interesse comum. Assim foi, recorde, na penúltima quinta-feira – a quinta-feira em que eu ouvi falar, pela primeira vez, da Máquina do Tempo.

Eu tinha estado encurralado a um canto com um cavalheiro cuja identidade será disfarçada chamando-lhe Filby. Este estivera a dizer mal de Milton – o público negligencia, de uma forma chocante, os versinhos do pobre Filby; e como eu não conseguia pensar em nada além do estatuto relativo de Filby e daquele que ele criticava e era demasiado tímido para discutir a questão, a chegada daquele momento de fusão, quando as nossas várias conversas se fundiram de súbito numa discussão geral, foi para mim um grande alívio.

— O que é que é um disparate? — disse um Médico célebre, dirigindo-se ao Psicólogo, por cima de Filby.

— Ele pensa — disse o Psicólogo — que o Tempo é apenas uma espécie de Espaço.

— Não é pensamento — disse o Viajante no Tempo; — é conhecimento.

— Afectação vaidosa — disse Filby, persistindo ainda nos seus ressentimentos; eu, porém, fingi um grande interesse nesta questão do Espaço e do Tempo.

— Kant... — começou o Psicólogo.

— Ora, esqueça Kant! — disse o Viajante no Tempo. — Digo-lhe que tenho razão. Tenho provas experimentais disso. Não sou um metafísico. — Dirigia-se ao Médico do outro lado da sala e assim levou todo o grupo a juntar-se ao seu círculo. — É o mais promissor ponto de partida em trabalho experimental que alguma vez terá sido realizado. Irá simplesmente revolucionar a vida. Quem sabe como será a vida depois de eu ter concretizado esta coisa.

— Desde que não seja a água da imortalidade, não me importo — disse o distinto Médico. — O que é?

— Apenas um paradoxo — disse o Psicólogo.

O Viajante no Tempo não respondeu, mas sorriu e começou a bater na parte bojuda do cachimbo. Era o presságio invariável de uma dissertação.

— Terá de admitir que o tempo é uma dimensão espacial — disse o Psicólogo, encorajado pela imunidade e dirigindo-se ao Médico —



e então toda a sorte de consequências notáveis parecerá inevitável. Entre outras, ser possível viajar no tempo.

O Viajante no Tempo deu uma gargalhada. — Esquece-se de que eu o vou provar experimentalmente.

— Faça-nos a sua experiência — disse o Psicólogo.

— Penso que preferiríamos ouvir primeiro o argumento — disse Filby.

— É o seguinte — disse o Viajante no Tempo. — Terão de me ir acompanhando cuidadosamente. Terei de controverter uma ou duas ideias que são quase universalmente aceites. A geometria, por exemplo, que vos ensinaram na escola baseia-se num conceito errado.

— Não será demasiado para nos pedir desde já? — disse Filby.

— Não pretendo pedir-vos para aceitarem seja o que for sem apresentar fundamentos razoáveis para o fazer. Em breve irão admitir tanto quanto espero de vocês. Sabem, é claro, que uma linha matemática, uma linha de espessura zero, não tem existência real. Ensinaram-vos isso? Nem, tão-pouco, plano matemático. Estas coisas são meras abstracções.

— Isso é verdade — disse o Psicólogo.

— Nem, tendo apenas comprimento, largura e espessura, pode um cubo ter existência real.

— Aí, tenho de protestar — disse Filby. — É claro que um corpo sólido pode existir. Todas as coisas reais...

— É o que a maioria das pessoas pensa. Mas esperem. Pode existir um cubo *instantâneo*?

— Não estou a perceber — disse Filby.

— Pode um cubo que não dura tempo algum ter existência real? Filby ficou pensativo.

— É óbvio — prosseguiu o Inventor Filosófico — que qualquer corpo real tem de se estender em quatro direcções: tem de dispor de Comprimento, Largura, Espessura e – Duração. Mas, através de uma enfermidade natural da carne, que vos explicarei daqui a pouco, tendemos a ignorar esse facto. Há, na realidade, quatro dimensões, três a que chamamos os três planos do Espaço e uma quarta, o Tempo. Existe, no entanto, uma tendência para estabelecer uma distinção irreal entre as primeiras três dimensões e a última porque a nossa consciência avança intermitentemente numa direcção ao longo desta última do princípio ao fim das nossas vidas.



H.G. WELLS

— Isso — disse um Homem Muito Novo, fazendo esforços espasmódicos para reacender o seu charuto no candeeiro: — isso é realmente muito claro.

— Ora, é extraordinário que isto seja tão amplamente ignorado — continuou o Inventor Filosófico, com um leve aumento de animação. — Na verdade, isto é aquilo a que chamamos a Quarta Dimensão, embora algumas pessoas que falam sobre a Quarta Dimensão não saibam o que querem dizer com isso. É apenas outra forma de olhar para o Tempo. *Não há diferença entre o Tempo e qualquer das três dimensões do Espaço excepto o facto de a nossa consciência avançar ao longo deste.* Mas algumas pessoas tolas aferraram-se ao lado errado dessa ideia. Já todos ouviram o que estas têm a dizer sobre esta Quarta Dimensão?

— Eu não — disse o Presidente Distrital.

— É apenas isto: o espaço, tal como os nossos matemáticos o concebem, é referido como tendo três dimensões, às quais podemos chamar Comprimento, Largura e Espessura, e é sempre definível tendo por referência estes planos, cada um deles num ângulo recto com os outros. Mas algumas pessoas filosóficas têm perguntado porquê três dimensões em especial — porque não outra direcção em ângulo recto com as outras três? — e têm até tentado construir uma geometria Tetradimensional. O Professor Simon Newcomb expôs esta ideia à Sociedade Matemática de Nova Iorque apenas há cerca de um mês. Os senhores sabem como se pode representar, numa superfície plana, que tem apenas duas dimensões, uma figura de um sólido tridimensional. Em termos análogos, eles pensam que com modelos de três dimensões poderiam representar uma de quatro — se conseguissem dominar a perspectiva da coisa. Estão a ver?

— Penso que sim — murmurou o Presidente Distrital; e, franzindo as sobrancelhas, caiu num estado introspectivo, com os lábios em movimento como se repetisse palavras místicas. — Sim, penso que agora estou a ver — disse ele, algum tempo depois, animando-se de forma bastante transitória.

— Bem, não me importo de vos dizer que há já algum tempo que tenho estado a trabalhar nesta geometria das Quatro Dimensões. Alguns dos meus resultados são curiosos: por exemplo, este retrato de um homem aos oito anos, outro aos quinze, outro aos dezassete, outro aos vinte e três e por aí adiante. Todos estes retratos são evidentemente





A MÁQUINA DO TEMPO

secções, ou seja, representações tridimensionais do seu ser tetradimensional, que é uma coisa fixa e inalterável.

— As pessoas das ciências — prosseguiu o Filósofo, após a pausa necessária para a adequada assimilação daquilo — sabem muito bem que o Tempo é apenas um tipo de Espaço. Eis um diagrama científico popular, um registo meteorológico. Esta linha que traço com o meu dedo mostra o movimento do barómetro. Ontem estava alto, ontem à noite desceu e esta manhã voltou a subir, suavemente, até aqui. Com certeza que o mercúrio não traçou esta linha em nenhuma das dimensões do espaço geralmente reconhecidas. Porém, traçou esta linha e esta linha, é forçoso concluí-lo, acompanhou a Dimensão Tempo.

— Mas — disse o Médico, olhando fixamente para uma brasa na lareira — se o Tempo é realmente apenas uma quarta dimensão do Espaço, porque foi sempre considerado algo diferente? E porque não nos podemos deslocar no Tempo como fazemos nas outras dimensões do Espaço?

A Pessoa Filosófica sorriu. — Tem a certeza de que nos podemos deslocar livremente no Espaço? Para a direita e para a esquerda podemos, para a frente e para trás também, e os homens sempre o fizeram. Admito que nos deslocamos livremente em duas dimensões. Mas e para cima e para baixo? Aí, a gravidade limita-nos.

— Não propriamente — disse o Médico. — Há os balões.

— Mas antes dos balões, à excepção de saltos episódicos e nas desigualdades da superfície, o homem não tinha liberdade de movimento vertical.

— Ainda assim, podia deslocar-se ligeiramente para cima e para baixo — disse o Médico.

— Mais fácil, muito mais fácil para baixo do que para cima.

— E no Tempo não nos podemos deslocar de todo. Não podemos escapar ao momento presente.

— Meu caro senhor, é justamente aí que se engana. Foi justamente aí que o mundo inteiro se enganou. Estamos sempre a escapar ao momento presente. As nossas existências mentais, que são imateriais e não têm dimensões, estão a decorrer na Dimensão Tempo a uma velocidade uniforme, desde o berço até à sepultura. Exactamente como devíamos viajar *para baixo* se começássemos a nossa existência cinquenta milhas acima da superfície da Terra.

